

Aula de música para alunos com altas habilidades

Karine Rayara Peres Duarte

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
karineperesduarte@hotmail.com

Vania Malagutti Fialho

Universidade Estadual de Maringá (UEM)
vaniamalagutti@hotmail.com

Resumo: O presente texto trata-se de um relato de experiência, fruto do estágio realizado com alunos com altas habilidades na rede estadual de ensino. O tema das aulas foi a música contemporânea com ênfase na apreciação e composição dos alunos. O objetivo deste texto é relatar como os alunos com altas habilidades se relacionaram com as aulas de música. Ou seja, seus interesses, facilidades e dificuldades relacionados ao fazer musical e aceitação da música contemporânea. Também apresento a forma com que a escola, ao meu ver, poderia reformular o ensino especializado a esse público. Para que desta maneira, haja um maior desenvolvimento das altas habilidades da turma e estímulo a criatividade.

Palavras chave: Altas habilidades, música contemporânea, criatividade.

Este relato de experiência é decorrente da prática pedagógica realizada no Estágio Supervisionado I¹ do curso de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O tema do estágio foi a música contemporânea com ênfase na apreciação e composição musical dos alunos. O estágio foi realizado na cidade de Maringá – PR no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal com três grupos distintos, sendo grupo A com cinco alunos, grupo B com seis e grupo C com seis, totalizando dezesseis alunos. Estes alunos são classificados como tendo altas habilidades e por este motivo foram convidados para participarem de projetos oferecidos pela escola no contra turno escolar com o objetivo de potencializar suas capacidades intelectuais. Os projetos variam de acordo com as possibilidades de oferta da escola e os interesses dos alunos. Cada grupo tem uma manhã por semana. As aulas do estágio foram ministradas para os alunos durante o período destinado a pesquisa deles, tendo a carga horária de 1h semanal para cada grupo.

¹ Estágio orientado pela professora Dra. Vania Malagutti Fialho.

O interesse em atuar nesta área se deve ao fato de que este ensino especializado se encontra na lei, segundo o Artigo 4º parágrafo III da Lei de Diretrizes e Bases é dever do estado prover o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

O presente artigo foi organizado em três partes, o primeiro refere-se a compreensão do que são altas habilidades/superdotação e seu procedimento de reconhecimento, essas explicações encontram-se no subtítulo “Altas Habilidades”. No segundo momento, apresento como foi a experiência sobre aula de música com esse tipo de público, encontrado no subtítulo “Sobre as aulas”, e por último, apresento minhas considerações finais acerca do assunto e propostas para melhorar este ensino especializado.

Altas Habilidades

Os alunos com altas habilidades, dentre outros aspectos, são caracterizados pela presença de alto grau de curiosidade, boa memória, criatividade e imaginação, independência e autonomia, aprendizagem rápida entre outros (BRASIL, 2006, p. 15). Ainda segundo Pocinho, alunos com altas habilidades “[...] são crianças que demonstram elevadas capacidades intelectuais, criativas ou artísticas, possuem uma capacidade de liderança fora do comum e sobressaem numa determinada área acadêmica” (POCINHO, 2009, p. 4). Desta forma as aulas de música para alunos com altas habilidades/superdotação devem considerar seu desenvolvimento real, ou seja, valorizar as particularidades de cada aluno. Pois cada indivíduo possui uma área de desenvolvimento cognitivo que se sobressai às outras. Fazer uma classificação intelectual que contemple níveis de desenvolvimento padronizados, como testes de inteligência pré-formatados, na qual não há especificações para cada área do conhecimento, leva a uma insuficiência no processo de desenvolvimento das habilidades desses alunos (OGANDO, 2014, p. 380). Pois não participar de atividades que estimulem seu potencial, leva a um desinteresse dos alunos ao participarem desses projetos e a se sentirem desmotivados (BRASIL, 2006, p. 11).

Segundo Gardner (ILARI, 2003, p. 12), as altas habilidades/superdotação são divididas em habilidades distintas, chamadas por ele de Inteligências Múltiplas. O autor afirma que, todos os alunos possuem as inteligências. Porém, elas se encontram em áreas distintas de cognição no cérebro, e cada aluno contém uma pré-disposição a inteligências diferentes, são elas: linguística, musical, lógico-matemática, espacial, cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Segundo esta teoria, um alto nível de habilidade em uma inteligência não significa elevado nível em outra.

Considera Gardner que os indivíduos diferem entre si tanto por razões genéticas como culturais nas distintas inteligências, devendo a escola promover oportunidades variadas para o desenvolvimento e expressão das diversas inteligências (BRASIL, 2007, p. 20).

O processo de identificação dos alunos com altas habilidades/superdotação é composto por diversas etapas, segundo Pocinho (2009), existem três fases principais de reconhecimento. O primeiro deles é a utilização de testes coletivos gerais, baseados neles, recorre-se à aplicação de testes individuais de inteligência como escalas de desenvolvimento, provas acadêmicas, ou até, pareceres de especialistas em talentos específicos. E por último, o conhecimento individualizado dos alunos, das suas habilidades, aquisições e características pessoais, seus interesses e realizações, seus estilos de aprendizagem e suas áreas fortes e fracas. Pocinho afirma que a última fase deve estar presente durante todo o período em que os alunos participam de programas de intervenções voltados para alunos portadores dessas altas habilidades. Com relação aos tipos de testes citados acima, podemos considerar que são muito diversificados. Entre eles estão as provas acadêmicas de incidência curricular; escalas para pais e professores; inventários de criatividade; entrevistas individuais; escalas de autoavaliação entre outros (POCINHO, 2009, p. 7). Porém, existem testes que são considerados mais específicos e confiáveis, como aqueles realizados com acompanhamento psicológico.

Testes psicométricos de inteligência e aptidões, testes de criatividade, classificações escolares e testes de rendimento constituem as provas mais objetivas e formais. Os métodos mistos englobam meios como a observação direta dos comportamentos e atitudes, a análise de textos e outros produtos, o registro do discurso interno (*thinking aloud*) e a classificação em concursos artísticos e científicos (POCINHO, 2009, p. 8).

É necessário salientar que no contexto escolar em que o estágio está sendo desenvolvido, os alunos não passaram pelo processo de identificação de altas habilidades/superdotação e não foram diagnosticados por meio de laudos para comprovar suas especialidades. A própria equipe pedagógica do colégio identificou que possivelmente esses alunos são portadores dessas capacidades através das ações dos alunos na escola. Baseados nessas observações, o pedagogo e o professor conversam com os pais e encaminham esses alunos até a sala de recursos, onde uma vez por semana eles desenvolvem uma pesquisa de acordo com sua área de habilidade mediados por uma professora orientadora.

Com base na Teoria das Inteligências Múltiplas desenvolvida por Gardner, na qual cada aluno portador de altas habilidades/superdotação contém uma área específica de desenvolvimento cognitivo, posso considerar que no contexto escolar em que o estágio está sendo desenvolvido, por não ter uma análise e acompanhamento psicológico na área da inteligência de cada um e por estarmos em um mundo plural, nem todos os alunos contém a inteligência musical. Sendo assim, as aulas contemplam os estudantes em suas diversas inteligências e não apenas na musical, pois as atividades de estímulo proporcionados pela escola devem ser entendidos também como um dos vários procedimentos para a identificação de indícios de altas habilidades, como afirma Reis e Renzulli “(...)o atendimento especializado ao superdotado, quando de boa qualidade, produz, antes, estudantes mais satisfeitos academicamente, entusiasmados com as propostas curriculares, mais ajustados social e emocionalmente” (Reis; Renzulli, 2004 *apud* BRASIL, 2007).

Sobre as aulas

As aulas ocorreram na chamada sala de recursos da escola, neste local, durante o período da manhã uma vez por semana, os alunos desenvolvem uma pesquisa - de acordo com suas preferências, orientados por uma professora. A proposta de realizar uma aula de música para esses alunos foi ao encontro do desejo da professora titular, na qual afirmou que é necessário uma aula interativa e novos conhecimentos para esses alunos, que as vezes são muito cobrados da família e por consequência se sentem pressionados e desanimados.

Com base nos estudos voltados para pessoas com altas habilidades, tenho considerado que uma das principais características deste público é a criatividade. Desta forma, a proposta de realização de composições vai ao encontro das características desses alunos. Baseada nisso, eu enquanto professora estagiária de música, creio que para criar algo é necessário ter conhecimentos e vivências sobre o conteúdo em questão, pois, não é pelo fato dos alunos terem altas habilidades que eles saberão exatamente como proceder nestas situações ou os passos corretos para a composição musical.

Partindo desse pressuposto, antes de expor esses alunos ao ato da criação, abordei a apreciação de músicas de acordo com o tema a ser trabalhado, e em seguida propus um momento de reflexão acerca desta obra musical. Porém, antes mesmo da apreciação, foi necessário preparar os alunos para que eles compreendessem o sentido da música em questão. Para este preparo eles realizaram atividades de vivência musical, onde os alunos fizeram música com o manuseio de materiais alternativos contidos na sala de aula e até mesmo sons do corpo. Logo na primeira aula iniciou-se essas vivências, por exemplo atividades de apresentação, na qual os alunos ficavam em círculo e cada um dizia seu nome, alternando com sons corporais. Observei que a turma teve dificuldade para manter a pulsação, por este motivo, nas aulas seguintes levei um caxixi para marcar o pulso, repetimos essa atividade e com referência deste pulso os alunos tiveram mais facilidade na execução. Posso considerar que nesta atividade de vivência musical, não percebi diferenças quanto as características de altas habilidades presentes nesses alunos, creio que este fato possivelmente ocorreu porque a inteligência musical, proposta na teoria de Gardner (ILARI, 2003, p. 12), não foi desenvolvida nesses alunos.

No que diz respeito aos momentos de apreciação propostos nas aulas, notei que quando a música é mostrada através de vídeos de pessoas ou grupos a realizando, os alunos conseguem manter a concentração para apreciar, pois além da percepção auditiva há também elementos visuais e isso os prende a atenção. Todavia, preciso salientar que, essa concentração não significa que os alunos sentam e apenas apreciam, sem conversar ou se mexer, pelo contrário, eles fazem certos comentários referente ao vídeo e alguns não conseguem parar de se mexer por 1 minuto, mas em um âmbito geral, percebo que estão concentrados. Essas ações destes alunos, vão ao encontro das características presentes em superdotados, pois apesar das altas habilidades serem

uma característica presente no indivíduo que lhe traz facilidade de aprendizado em alguma área, os alunos, por serem muito ativos, têm dificuldade de concentração. A professora titular da turma explicou que, segundo os relatos de familiares, alguns deles possuem TDAH², por este motivo, o planejamento das aulas de música precisam conter muitas atividades, mais do que o comum planejado para outras turmas. Caso o contrário os alunos encontram espaços de tempo para se desconcentrar e, muitas vezes, se sentem desmotivados.

Outra característica das aulas foi que as turmas são compostas por cinco a seis alunos, esse fato facilitou para eu compreender as particularidades de cada aluno. Pois foi possível perceber em qual área eles tem mais facilidades e até mesmo dificuldades. Porém, o ponto em que dificultou trabalhar com esse público pequeno, no que se relaciona a planejamento e metodologia empregada em aula, é que pelas as aulas serem inteiramente práticas, elas precisam ser planejadas exatamente para um grupo de cinco ou seis alunos. Caso o contrário eles ficam desinteressados, pois não conseguem realizar uma tarefa que normalmente seria para uma turma de trinta. Muitos se enganam ao pensarem que os alunos superdotados se interessam por todos os conteúdos e estão sempre dispostos. Pelo contrário, estudos nos mostram que eles precisam de estímulos para se desenvolverem. As aulas têm mostrado o quanto isso é real e que alunos com altas habilidades também têm uma certa resistência em realizar as atividades quando elas apresentam um distanciamento de suas preferências. Desta forma, as aulas são sempre compostas por atividades coletivas, ou seja, a composição é construída por todos os alunos e a vivência musical, como por exemplo a percussão corporal, também é a mesma, com todos os alunos fazendo ao mesmo tempo.

Se por um lado, nesta experiência de estágio os alunos “superdotados” apresentam dificuldades no ato da criação, imaginação e exploração dos materiais por meio do som, pude perceber certa facilidade no que se refere a questões teóricas. Na aula de música esse conteúdo teórico foi trabalhado por meio da construção de partituras não-convencionais. Os alunos

2 O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Ele é chamado às vezes de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção).

respondem atentamente as questões sobre grafias e percebo que eles compreendem melhor quando o conteúdo é transportado para algo escrito, como nas grafias não-convencionais. Creio que os educandos têm essa facilidade em partes teóricas, pois a escola como um todo só proporciona esse tipo de aprendizado, baseado na leitura e na escrita, principalmente na oficina de desenvolvimento de altas habilidades. Desta forma, a atividade de elaboração de uma pesquisa por alunos superdotados, proporcionada pela escola, estimula o cérebro nas áreas teóricas referente à produção de pesquisa e conhecimento científico. Porém, os alunos não têm experiências práticas em outras linguagens como música, pintura, teatro ou em qualquer outra. Isso os leva a uma dificuldade, como a mencionada acima, em atividades em que usem a criatividade.

Em uma proposta de inclusão artística, no que se refere a música, para desenvolvimento das altas habilidades, Ogando e Fernandes propõem estratégias didáticas para o estímulo da criatividade nesta linguagem, são elas:

[...] oportunidades de aprendizagem individualizadas; interação entre a escola e as organizações da área das Artes tendo em vista mais oportunidades de aprendizagem; programas com trabalhos de criatividade; trabalho coletivo em áreas de interesse compartilhado; aulas em nível avançado em área de interesse do aluno; instruções na perspectiva de apresentações; projetos interdisciplinares; programas externos à escola, ligados a colégios, universidades ou conservatórios (OGANDO; FERNANDES, 2014 *apud* OGANDO, 2014, p. 6,7).

As aulas de música na qual este estágio está inserido, vão ao encontro destas propostas citadas acima. Pois desenvolvem as capacidades artísticas dos alunos através de atividades de vivência musical, apreciação, improvisação, composição e construção de notações não-convencionais. Porém, não é algo presente no planejamento curricular da escola para o desenvolvimento das altas habilidades, trata-se apenas do meu projeto de estágio com a duração de dezessete horas aula. Seria ideal que a escola tornasse esse tipo de atividade frequente nas oficinas de atendimento educacional especializado a alunos portadores de altas habilidades/superdotação. Não apenas a oficina de música, mas em todas as áreas do

conhecimento. Pois desta forma, os alunos seriam estimulados de diversas maneiras e encontrariam o foco de suas habilidades.

Considerações finais

Em um âmbito geral, a proposta de realizar meu estágio com uma turma de altas habilidades/superdotação me deixou curiosa sobre como seria trabalhar com este público. Através desta experiência, pude perceber o quanto este universo da superdotação é rico e o quanto a educação brasileira como um todo precisa se atualizar e buscar desenvolver as habilidades do educando como um todo. Posso considerar que, a atividade de composição, tema central deste estágio, é o momento em que mais percebo a necessidade do conhecimento prévio dos conteúdos musicais por parte dos alunos. Isso porque, apesar da criatividade ser uma das características principais da superdotação, tenho visto que eles se limitam muito na construção da composição ou até mesmo no manuseio dos materiais alternativos. A turma realiza as atividades satisfatoriamente quando eu instruo exatamente o modo de fazer, desta forma acontece uma reprodução de conteúdo. Porém, no que se relaciona à criação de algo, percebo muita dificuldade. Por este motivo, vejo a necessidade da escola reformular suas concepções sobre o atendimento educacional especializado a este público. Pois, a proposta de oferecer uma oficina para o desenvolvimento de uma pesquisa científica como uma forma de estimular as capacidades de alunos com altas habilidades, vai ao encontro da Inteligência Linguística proposta na teoria de Gardner (ILARI, 2003, p. 12). Entretanto, ela não desenvolve outras áreas do conhecimento que possivelmente os outros alunos possuem.

De posse dessas informações, finalizo afirmando que, as aulas desse estágio colaboraram para eu que conhecesse sobre o universo da superdotação. Esse conhecimento aconteceu por meio da revisão de literatura e experiência em sala, mas creio que as aulas também fizeram a diferença na vida dos alunos. Pois, apesar da dificuldade no uso da criatividade, fator essencial para que o tema do estágio fosse satisfatório, acredito que as primeiras sementes foram lançadas para que esses educandos pensem o mundo sonoro de forma diferente e se livrem das amarras de uma educação apenas reprodutora. Para que esta semente germine, sigo acreditando que a

equipe pedagógica da escola precisa dar o atendimento adequado a esse tipo de público. Levando os alunos a um acompanhamento com especialistas na área e utilizando laudos médicos para a confirmação das altas habilidades. Pois esse tipo de auxílio, leva um conhecimento sobre o aluno e a partir dele é possível focar em suas pré-disposições e facilitar o aprendizado para desenvolver suas habilidades. O método usado para esse desenvolvimento também deve ser reconstruído, de forma que estimule as diferentes áreas do conhecimento. Desta forma, todos poderão ter experiências com os diversos saberes e o professor juntamente com cada aluno perceberá qual a área de facilidade de cada um. Pois esses alunos, poderão um dia trazer benefícios para a sociedade através de suas habilidades desenvolvidas.

Referências

Associação Brasileira do Déficit de Atenção. Disponível em: <<http://www.tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-o-tdah.html>> Acesso em 22 de junho de 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 22 de junho de 2017.

FLEITH, Denise de Souza. **Educação infantil : saberes e práticas da inclusão : altas habilidade/superdotação**. [4. ed.] / elaboração Denise de Souza Fleith. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 26 p.

FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores / organização: Denise de Souza Fleith**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

ILARI, Beatriz. **A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical**. Revista da ABEM. Porto Alegre, V. 9, 7-16, set. 2003.

OGANDO, Marcia Gabriela Correia. **Altas habilidades e superdotação como conteúdo na formação do licenciando em Música**. III SIMPOM - Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. Rio de Janeiro, 2014.

POCINHO, Margarida. **Superdotação: conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.1, p.3-14, jan.-abr. 2009.